

Febraban e CNIF querem conhecer programas dos dois presidenciáveis

por Roberto Baraldi
de São Paulo

A Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban) e a Confederação Nacional das Instituições Financeiras (CNIF) não vão estigmatizar qualquer dos candidatos a presidente da República que disputarão o segundo turno das eleições. Ao contrário: procurarão a aproximação com ambas as forças políticas, para conhecer detalhes de seus programas de governo e, se possível, contribuir para a formulação de propostas relativas ao setor financeiro.

O presidente das duas entidades, Leo Wallace Cochrane Jr., afirmou ontem que está aberto ao diálogo e que encara o resultado do primeiro turno das eleições sem surpresas e com naturalidade. "Era da regra do jogo que dois passariam para o segundo turno. E as projeções indicavam justamente os nomes de Fernan-

do Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva", disse Cochrane. "O que realmente me surpreendeu foram a tranquilidade do processo eleitoral e as demonstrações de maturidade cívica da população", acrescentou.

Segundo Cochrane, a vitória do candidato petista sobre o ex-governador Leonel Brizola, do PDT, não é um fator especial de agitação do mercado financeiro. "O mercado, devido à inflação alta, está sempre sensível e nervoso. Até mesmo uma dor de cabeça do ministro é motivo para criar excitação no mercado de ativos de risco", assinou.

As entidades representativas do sistema financeiro apostam no diálogo com os candidatos — uma postura cautelosa, que parte do pressuposto de que a eleição não está decidida e, portanto, qualquer um dos dois candidatos tem condi-



Leo Cochrane Jr.

ções de vencer o segundo turno.

"No trato de questões sindicais, ficou claro para nós que o diálogo conduz a um acordo bom para os dois lados", enfatizou Cochrane, apontado como um dos empresários mais respeitados como interlocutor tanto pelo PRN quanto pelo PT.

As atenções de Cochrane estão voltadas agora para a definição dos programas dos candidatos. Ele acredita que os discursos vão tornar-se mais práticos, apresentando mudanças substanciais em relação à oratória do primeiro turno e, acima de tudo, definição de propostas. A definição mais esperada é relativa ao setor financeiro, particularmente da parte do PT, cujos dirigentes já se manifestaram tanto favoráveis quanto contrários à estatização dos bancos.

Numa avaliação prévia de tendências, Cochrane acredita que instituições como o "over" serão poupadas de traumas. "Quanto mais à esquerda for o governo, maiores serão as necessidades de recursos para atender às demandas na área social. Os instrumentos para continuar girando a dívida do governo tendem, portanto, a ser preservados", afirmou Cochrane.